

## SONETOS PORTUGUESES SILVA CARVALHO

### UM LIVRO PORÉTICO AVANT LA LETTRE?

Não é difícil compreender-se, lendo uma das epígrafes que anuncia estes “sonetos”, que o leitor se encontra, ou não, diante de simulacros de verdadeiros sonetos caucionados pela tradição, com as implicações que Deleuze procura encontrar no termo simulacro, capaz, segundo ele, de introduzir uma nova expressão para o real, o que quer que isso signifique. O leitor não tem que estar de acordo com Deleuze, nem concordar com a sua visão por vezes rebuscada do que é ou deveria ser o texto literário, ou mesmo a literatura.

O que me interessa, verdadeiramente, é apresentar a hipótese de se estar, com este livro de Silva Carvalho, diante de um projecto literário que possui a ousadia da sua pretensão, que será possivelmente considerada anacrónica por alguns dos seus leitores. Pois eu leio estes “sonetos portugueses” como a resposta, sem dúvida tardia, aos sonetos italianos, ditos petrarquistas, que floresceram a partir do século 14 nas línguas originalmente latinas, e dos sonetos ingleses, ditos shakespearianos, remontando, pelo menos, ao século 17. Não vou perder tempo a descrever o aspecto formal desses dois tipos de sonetos. O leitor não os ignora. Silva Carvalho escolhe, para os seus sonetos portugueses, a justaposição de duas quintilhas com uma quadra, perfazendo assim, como é da tradição, os catorze versos. A posição das duas quintilhas e da quadra, em cada uma das três partes em que o livro se divide, varia: Na primeira parte surgem duas quintilhas seguidas de uma quadra, na segunda parte a quadra aparece no meio das quintilhas, na terceira parte é a quadra que introduz o soneto, deixando para trás as quintilhas. Se estes sonetos aceitam a rima, como sempre fizeram os sonetos, quanto à métrica poder-se-á dizer que não existe. De uma maneira geral os versos ultrapassam de longe as dez sílabas habituais.

Não vou tentar fazer uma análise desta obra nos seus aspectos conteudísticos mais relevantes, mas pretendo sim demonstrar que este livro, escrito em 1985, prefigura já, de certa maneira, o que o autor vai definir, muito mais tarde, como um livro porético (O LIVRO PORÉTICO, texto publicado na revista NADA, nº 09, de 2007). Isto é, um conjunto de porismas (termo que veio substituir o tradicional poema) escritos ao longo de um curto período de tempo, em que cada porisma aparece como um capítulo de uma estranha narrativa, ou mesmo, diz às vezes o autor, de um romance. Narrativa muito especial, pois não se baseia na causalidade que caracteriza todas as histórias e todos os enredos que enformam os romances, mas na sucessão temporal que cada capítulo evidencia através da data em que culmina. A história do livro não possui personagens, mas concede, obviamente, a presença do narrador (eu de enunciação) e esboços muito ténues do que poderiam ser acontecimentos, peripécias, etc. A história que tem lugar diante dos nossos olhos é muito mais afectiva, especulativa, ou até autobiográfica, se se der a esse termo uma configuração muito especial: isto é, de uma autobiografia ficcional e, em certos casos, possivelmente verdadeira ou verosímil. Pois apresenta arremedos, aqui e ali, de situações que explicam ou estão na origem desses afectos e desse pendor especulativo.

Para que se possa reconhecer que este livro de sonetos não é como os outros de outros autores, isto é, apenas um conjunto de textos agrupados de uma maneira que não a temporal (as datas da escrita, como sempre foi e é costume, desaparecem, pois esses sonetos conspicuamente aspiram à intemporalidade de que se sentem tributários), tentarei mostrar que efectivamente os sonetos de Silva Carvalho trazem em si um implícito *récit*, com um começo e um fim. Basta-me, para isso, considerar o primeiro texto da primeira parte do livro, e o último texto da terceira parte. Entre esses dois textos muita coisa se passa, que o leitor poderá descobrir lendo o livro.

Vejamos o primeiro e o último “sonetos”.

## PORTA OU JANELA

Estou aqui, imprevisível, entre quatro paredes,  
para lutar. Não sei onde vou. Mas o importante  
é ir, lentamente respirando, construindo redes  
capazes de trazerem ao Ser a imagem anelante,  
o preço real da vida, esta casa onde me vêdes.

Entre o sofrimento e o prazer habito este lar  
onde busco um silêncio que revele a essência.  
Custa descobrir no acervo de coisas um olhar,  
a distância que me separa da clara aparência.  
Dói sobretudo ver o mundo como mal a evitar.

Espero merecer a ousadia, querer ficar aberto  
como porta ou janela diante da luz universal.  
Meu sonho é fazer do alcance o inicial perto  
onde possa reconhecer a língua, o aceno vital.

1/2/85

## A MARAVILHA

Fecho a porta. Declina a tarde. Paro um instante.  
Tanto ouro, a bola incandescente! O primevo calor,  
um bafo de Primavera sobre o corpo alvoroçante.  
Fecho a porta suavemente. Sem saudade nem rancor.

O espírito apaziguado, a casa vazia, o olhar raro.  
O que ali deixo não se perde nem se ganha: viver  
é assim, passar por sítios e não ficar. Sol avaro,  
desaparecendo lentamente no horizonte do prazer.  
Súbita tristeza, mas o contrato foi porém claro.

Acabar. Passar a outra terra, a outra língua. O dia  
finge alguma amissível claridade, longe o arrebol.  
Quem fui lê-me, se a realidade não mente nem adia.  
Apetece agora esquecer, descer no mar como um sol.  
Fui o fogo, eis a maravilha! Nunca soube que sabia!

8/3/85

Os sublinhados das palavras, obviamente, são meus, para que se possa melhor dar conta de um começo e de um fim. Logo no título do primeiro soneto aparece a palavra porta, oriunda de dois versos onde se lê: “Espero merecer a ousadia, querer ficar aberto/ como porta ou janela diante da luz universal”. O ficar aberto como uma porta advém do facto do narrador se encontrar entre quatro paredes, numa casa onde aparece o narratário através do “onde me vêdes”. Se atendermos ao último soneto, a acção é oposta: “Fecho a porta”, asserção repetida duas vezes na mesma quadra. A casa vai ficar vazia, em contraste flagrante com a sua habitação (vista como um lar, “habito este lar”, para não ser mais habitada). Se no primeiro texto o narrador estava “aqui”, para uma começo de uma aventura explicitada, no segundo afirma muito simplesmente: O que “ali” deixa é uma temporária vida, já que viver é “passar por sítios (leia-se: a casa) e não ficar”. No entanto, o narrador, ao contrário do que diz no primeiro soneto, em que anuncia a imprevisibilidade (isto é, o seu estado de espírito ao vir habitar essa casa, embora com a intenção de lutar (como se cumprisse um contrato feito consigo mesmo), já no último soneto reconhece que ao deixar a casa vazia o seu espírito está apaziguado (e não imprevisível). Se a sua intenção no primeiro soneto era reconhecer a “língua”, fazendo do “alcance” (palavra que vai ser fundamental nos textos poréticos do autor) um “perto” (e daí a luta que o espera ao viver numa casa – um livro -, o segundo soneto explica que o contrato uma vez acabado, nada mais lhe resta que “passar a outra terra, a outra língua”. Isto é, acabado este livro, terá em frente, previsivelmente, a escrita de outro livro, configurado na expressão “a outra língua”, como quem diz, a uma outra experiência escritural.

Não posso deixar de notar, nesta análise breve, duas pérolas que fariam a felicidade de um Derrida, quando ele afirma, algures num dos seus livros, que todo o texto poético, para sê-lo, terá que conter em si uma certa dose de indecibilidade, quer na sua totalidade quer em alguns dos seus passos. Kristeva diria, a intrusão do semiótico no simbólico.

Para mim, o incompreensível, e, para dizer a verdade, o que mais me aguçou a perplexidade, dando-me a sensação de estar frente a uma beleza que nada tem a ver com a adjudicação do que normalmente se toma por estética, foram duas afirmações lapidares, paradoxais, contidas no último soneto desta série de sessenta sonetos portugueses, ou, já agora, silvacarvalheanos: “Quem fui lê-me”, e depois, a chave de ouro, como outrora se dizia do soneto tradicional: “Fui o fogo, eis a maravilha! Nunca soube que sabia!

“Quem fui lê-me”, na sua brevidade expressiva, daria para um grande excursus hermenêutico que não cabe nesta recensão crítica, como também a aparentemente simples asserção “Nunca soube que sabia!” Todo o livro teria que ser referenciado nos seus múltiplos fenómenos.

Quem quiser conhecer o fogo (não só metafórico) que perpassa pela narrativa, ateando de sentidos acontecimentos, especulações e factos, como quem desejar descobrir, se possível, e esse é todo um desafio, o que o narrador não sabia que sabia, terá que ler o livro. Resta saber quem será capaz de acompanhar o autor nesta aventura, isto é, quem terá a curiosidade de seguir as “redes capazes de trazerem ao Ser a imagem anelante, o preço real da vida”.

Ana Sequeira

Nota: O livro *Sonetos Portugueses* está acessível, na sua totalidade, grátis, no site do autor. Penso que não existe edição em papel.

## SONETOS PORTUGUESES SILVA CARVALHO

### AFECTOS

Depois da leitura da contracapa do livro de Silva Carvalho *Sonetos Portugueses*, publicado no seu site recentemente, mas escrito em 1985, parece-me de todo frívolo esboçar um comentário, uma recensão, sobretudo por quem não é um crítico encartado, mas um simples amador de poesia.

Mas vou tentar, não falar do livro na sua totalidade, das suas linhas de força, de fuga, ou de voo, mas de três sonetos do final da Parte II do livro, com especial relevo para o soneto “UM HOMEM”, que destoa de todos os outros, sobretudo pela sua estrutura. Se os sonetos são desprovidos da métrica tradicional, isto é, apresentando sempre o mesmo esquema silábico, é bem visível que houve da parte do Autor uma preocupação, nem que seja puramente óptica, de os apresentar com uma mesma aparência, como se cada texto se repartisse em três caixas (estrofes) bem delimitadas. A delimitação dos versos funcionaria assim como uma métrica excepcional, experimental.

O soneto “UM HOMEM”, penso que devido à dramaticidade do seu conteúdo e aos afectos daí decorrentes, foge ou desvia-se da decisão estética escolhida pelo Autor ao longo de todo o livro, isto é, desestabiliza-a. Para que se possa notar esse desvio, ou essa ruptura, acho necessário transcrever o soneto que lhe é anterior, e o soneto que lhe seguirá. Todos eles foram escritos num brevíssimo espaço de tempo; de 24 a 28 de Fevereiro de 1985.

Ei-los:

### VULGÍVAGA

Noite vulgívaga, ascendes à rude desolação,  
anulação promíscua da paisagem terebrante,  
muro onde o olhar redescobre a celebração.  
De quê? Há sempre o nada, o vazio ovante,

o desejo suicidário de se acabar na inacção.

Noite teratológica, apogeu e abismo, ver-te com olhos de cego, um castigo. A casa cobre a possibilidade de um delírio, poder viver-te sabe a sacrilégio, orgulho da imagem pobre.

Nenhuma palavra te é. Inventam-se sentidos, codificam-se mensagens, fala-se uma língua. Em vão. Diante, eis-te, inominada, nula: lidos os sinais das trevas, como cosmos à mímica sentimos que erramos pelos medos sustidos.

24/2/85

### UM HOMEM

Suicidou-se. Um antigo companheiro de exílio. Lançou-se de um décimo andar, aterrou numa varanda. Contou-me, hoje, um amigo comum. Estranho idílio com o voo. Senti, se possível, a dor clímax, nefanda. Ouvia o amigo, e pensava comigo, preciso de auxílio.

Despedi-me com um sorriso nos lábios, a palmada nas costas: Nós nunca nos suicidaremos! Ninguém sabe, replicou o amigo. Ninguém sabe nada de nada. Deixei-o, comovido, pensando: Há um aquém, há um além.

Lembrei-me então de Paris, e já de Lisboa. Rapaz de histórias rocambolescas, o brilho da inteligência em olhos que dardejavam a política suspicaz. Uma morte violenta, era a frase da contingência. Sinto-me tão frágil, conheci-o, era um homem audaz.

27/2/85

### A MORTE

A morte. Não vale a pena encher-me de rodeios, andar de cá para lá. A morte. Um cadáver na alma, qualquer coisa que é, que deixa de ser, vira enleios para quem fica, na vida, a deplorável. Esta calma,

depois de tudo, até do nada, obreira de bloqueios.

Um corpo frio, exangue, expugnável, hirto, fechado.  
Nada do que foi, mas a nua carcaça, o ricto da sorte,  
um silêncio tão tímido e branco, o rosto deformado.  
A morte do amigo, a violência, o voo, o nítido corte.

Terei que passar por aí, também eu. Quanto horror,  
amor, saber que fui, que sou, e que desaparecerei!  
Eis a realidade onde imprimo quanto passo: a dor,  
este torvelinho no espaço, traço onde morrer é lei.  
Espanto, ter receio do que não sei: do fim que for!

8/2/85

Como se poderá ver, o soneto “HOMEM” é completamente atípico em relação, digamos assim, à “métrica” dos outros dois. Lidos os três textos, a conclusão que se poderá tirar é que o soneto “VULGÍVAGA” (quem conhece a obra de Silva Carvalho estará habituado já ao seu léxico muito particular. Só neste soneto, confesso, tive que consultar, pelo menos, quatro vezes o dicionário: vulgívaga, terebrante, ovante e teratológico não são vocábulos especialmente correntes na fala que debito diariamente) é uma apóstrofe à noite, explícita no texto, e pela sua derivada, trevas. Não vou analisar este soneto, cuja complexidade me parece apontar, contudo, para toda uma riqueza de sentido. O que pretendo destacar é o verso “o desejo *suicidário* de se acabar na inação.” Nem desejo extrapolar sugerindo o poder premonitório de Silva Carvalho, que o soneto seguinte comprovaria, mas apenas concluir pela presença do acaso na experiência do real, coincidente com a presença do acaso na escrita.

O soneto “UM HOMEM” é de fácil leitura. Talvez porque a urgência de contar um acontecimento não tenha sequer permitido ao Autor utilizar os seus vocábulos mais preciosos. O que tinha sido uma apóstrofe no soneto anterior, transforma-se agora num diálogo com um amigo comum ao suicida. O que há a retirar deste texto? A afirmação de uma falsa certeza. “Nós nunca nos suicidaremos!”



Mas a resposta do amigo é quase a verbalização, a adivinhação do sentimento que perpassa o poeta. “Ninguém sabe, replicou o amigo. Ninguém sabe nada de nada.” E porquê? Porque nos é dito: “preciso de auxílio”, e no último verso: “Sinto-me tão frágil”. E logo a seguir, com acentos quase cesarianos (de Cesário Verde) “era um homem audaz”. Audaz porquê? Porque teve a coragem de se suicidar? Isto é, porque levou a cabo “o desejo suicidário” referido no soneto anterior?

O soneto “A MORTE”, escrito no dia seguinte, comprova realmente a ideia de Silva Carvalho quando ao conceito de repetição. Muitas vezes o Autor, em vários dos seus escritos teóricos sobre o “livro porético”, sobre “o processo porético”, apresenta a repetição como um dos traços fundamentais da sua escrita. A repetição heideggeriana de que se reclama (embora não se esqueça da repetição proposta por Kierkegaard ou da iterabilidade proposta por Derrida), porque se configura num contexto da reflexão filosófica (para Heidegger, e muito sucintamente, a repetição consiste na actualização de qualquer coisa que ficou por dizer num dito anterior), não é tão urgente ao ponto de exigir num texto seguinte a sua retoma, pois é sinal da temporalidade, isto é, advém de uma reflexão posterior. Com Silva Carvalho acontece geralmente o mesmo. Mas nos textos em questão, mais do que um aspecto estilístico, o que está em causa são os afectos, de que fala o texto da contracapa deste livro. A morte do amigo vai desencadear toda uma especulação sobre a morte: “A morte do amigo, a violência, o voo, o nítido corte.” Não vou tentar ler pormenorizadamente este soneto. Gostaria apenas de revelar a ambiguidade desta passagem: “Terei que passar por aí, também eu.” Este “aí”, que significará? A morte, que nos cabe a todos, ou a morte pelo suicídio? Abusando talvez em demasia da tonalidade afectiva banhando estes sonetos, quase que me atreveria a dizer que a morte antecipa-se nesta tríade quando aparece metamorfoseada ou feita imagem no primeiro texto como uma “noite vulgívaga” ou uma “noite teratológica”.

Todo este livro de Silva Carvalho, com a exceção de alguns sonetos radiantes de alegria ou de sol, talvez porque foi escrito no inverno de 1985, é bastante sombrio. É preciso possuir-se alguma coragem para o enfrentar. Não o aconselho pois aos medrosos nem aos que se contentam com a facilidade. Que estes *Sonetos Portugueses* tenham sido escritos há quase trinta anos, é o que me espanta.

Abílio Castro